

## Desvendando o Labirinto Intertextual de A Última Viagem de Borges

Isis Milreu\*

**Resumo:** Este trabalho pretende analisar as relações intertextuais presentes na narrativa *A última viagem de Borges* (2005), de Ignácio de Loyola Brandão. Nesta obra, Borges perdeu a palavra perfeita e organiza uma expedição para reencontrá-la. O grupo que irá acompanhá-lo é formado por Sherazade, famosa personagem que se salvou através da palavra; Sir Richard Burton, aventureiro inglês, escritor e tradutor, entre outros textos de *As Mil e Uma Noites*; e Funes, o Memorioso, personagem borgiano que possui uma memória excepcional. Assim, Borges e seus companheiros partem para a Biblioteca de Babel em uma viagem repleta de aventuras e obstáculos. Percebemos que muito mais do que a simples descrição de uma viagem, a obra de Loyola é um mergulho no universo ficcional de Jorge Luis Borges, pois a narrativa dialoga intensamente com a poética borgiana. Por isso, refletiremos sobre como foram construídos os procedimentos intertextuais em *A última viagem de Borges* (2005).

**Palavras-chave:** Jorge Luis Borges; Borges personagem; intertextualidade.

**Resumen:** Este trabajo desea analizar las relaciones intertextuales presentes en la narrativa *A última viagem de Borges* (2005), de Ignácio de Loyola Brandão. En esa obra, Borges ha perdido la palabra perfecta y organiza una expedición para reencontrarla. El grupo que lo acompaña es formado por Sherazade, famosa personaje que se salvó al través de la palabra; Sir Richard Burton,

---

\* Docente UFCG; Doutoranda em Letras UNESP-Assis; e-mail: imilreu@yahoo.com.br

aventurero inglés, escritor y traductor, entre otros textos de *Las Mil y Una Noches*; e Funes, o Memorioso, personaje borgeano que posee una memoria excepcional. Así, Borges y sus compañeros parten para la Biblioteca de Babel en un viaje repleto de aventuras y obstáculos. Percibimos que mucho más que la sencilla descripción de un viaje, la obra de Loyola es un zambullo en el universo ficcional de Jorge Luis Borges, pues la narrativa dialoga intensamente con la poética borgeana. Por eso, reflexionaremos sobre cómo fueron construidos los procedimientos intertextuales en *A última viagem de Borges* (2005).

**Palabras-clave:** Jorge Luis Borges; Borges personaje; intertextualidad.

### **Uma viagem instigante**

Ignácio de Loyola Brandão publicou *A última viagem de Borges* em 2005, penetrando no universo teatral, até então, inexplorado por ele. O autor já havia incursionado por diversos gêneros textuais, escrevendo romances, contos, crônicas, relatos autobiográficos, livros infanto-juvenis, relatos de viagens e biografias. Ao todo, criou 27 livros. Dentre suas publicações, destaca-se *Zero*, sua obra mais conhecida, traduzida para seis idiomas. Vale a pena lembrar que este romance foi lançado primeiro na Itália, em 1974, devido ao processo de censura imposto pelo regime ditatorial que vigorava no Brasil desde 1964. Desse modo, o livro só saiu no país no ano seguinte, mas foi proibido em 1976, pelo Ministério da Justiça do governo Geisel, e conseguiu ser liberado apenas em 1979 quando se iniciou o processo de redemocratização. A obra do autor foi objeto de várias dissertações e teses, bem como uma grande fonte para artigos de jornais e revistas. Cabe ressaltar que além de um versátil escritor, Loyola também foi crítico de cinema e repórter e, atualmente, colabora com o jornal *O Estado de São Paulo*.

Como já foi dito, *A última viagem de Borges* foi publicada em 2005, três meses depois de ter sido representada em Curitiba. Trata-se de um livro híbrido em que o leitor se depara com duas versões do texto teatral de Loyola, acompanhadas por fotos da primeira encenação da peça, uma explicação do caráter ficcional da obra, um bilhete para o elenco, a reprodução de um e-mail endereçado a María Kodama e uma relação de referências bibliográficas utilizadas pelo autor para compor sua narrativa. Esta heterogeneidade contribui para a riqueza poética da obra, a qual, segundo Loyola “[...] não é adaptação nem biografia e sim uma fábula [...]” (BRANDÃO, 2005, p.9). O escritor também esclarece que o seu texto “[...] é uma evocação poética, homenagem, que, inclusive ajuda a penetrar nos labirintos borgianos, nos seus símbolos mais caros e recorrentes, despertando interesse pela obra de um dos maiores escritores latino-americanos, senão mundiais.” (BRANDÃO, 2005, p.9). Notamos que Loyola deixa clara sua intenção de homenagear o escritor argentino, além de considerar que o seu livro pode contribuir para que os leitores mergulhem no universo ficcional borgiano.

Ademais não podemos nos esquecer de que a explicitação do caráter ficcional de sua narrativa, expressa claramente em uma parte do livro denominada “Ficção e não realidade”, tem a função de “[...] evitar mal-entendidos, possíveis desencontros, erros de interpretação e julgamento [...]”. (BRANDÃO, 2005, p.9). O autor explica que este esclarecimento é necessário devido ao incidente com María Kodama, a controversa mulher de Jorge Luis Borges e atual detentora dos seus direitos autorais, que desejava que o seu nome e o do escritor argentino fossem retirados da narrativa. Loyola expõe a polêmica entre eles e justifica a sua decisão de substituir a representação de Kodama por Alicia e manter o nome de Borges em seu livro, após ter feito consultas jurídicas sobre o assunto. Assim, ao ressaltar a ficcionalidade de sua obra, classificando-a como “fábula”, “evocação poética” e “homenagem”, o escritor busca eliminar futuros problemas

de interpretação do seu texto, além de exemplificar o constante conflito entre a realidade e a ficção que permeia a história da literatura, principalmente quando se literaturiza personagens históricos.

É preciso esclarecer que o autor não aborda esta questão somente na parte citada por nós, mas retoma-a em um texto sem título, localizado antes do bilhete ao elenco. Neste escrito, Loyola reafirma que sua narrativa não é uma biografia de Jorge Luis Borges, nem interpretação ou adaptação de sua obra. Esclarece que se trata de ficção a partir de referenciais da poética do escritor argentino, ou melhor, é “Imaginário em cima do imaginário borgiano.” (BRANDÃO, 2005, p. 11). Por fim, acrescenta que:

Este texto é uma possibilidade. Viagem de aventuras e fantasia possível de ser vivida por qualquer criador, já que a literatura de Borges possibilita caminhos por dentro do não ser/não existir/não acontecer/ acontecendo. Evocação e homenagem pela ampla liberdade que ele mostra ser possível nos levando a penetrar em mundos que suspeitamos existir, queremos que existam, fazemos existir. (BRANDÃO, 2005, p.11).

Eis um elogio explícito à poética borgiana. Em outras palavras, Loyola declara que a “culpa” de ter ficcionalizado Borges é do próprio escritor, já que a sua literatura abriu um grande leque de possibilidades para a ficção contemporânea. Também percebemos que o autor utiliza-se de vários metatextos para seduzir o leitor a penetrar no universo ficcional borgiano. Ao evocar o escritor argentino, homenageando-o, o escritor brasileiro instiga o leitor a mergulhar na obra de Jorge Luis Borges, além de deixar claro, desde a dedicatória, tratar-se de “um texto que permanece aberto e pode ser revisto, corrigido, modificado e aumentado a cada leitura, releitura ou representação de Borges.” (BRANDÃO, 2005, p.7). Por caracterizar-se como uma obra aberta, acreditamos que esta narrativa

é um convite provocativo para que o leitor comporte-se da mesma forma que um leitor borgiano, isto é, como um detetive literário. Tal como muitas obras pós-modernas, este livro, ao ser definido como um texto inacabado, permite que se construam diferentes leituras da peça de Loyola. Também pensamos que o intenso uso de elementos intertextuais na construção da referida narrativa pode incentivar o leitor a aprofundar-se na obra do escritor argentino. Desta maneira, aceitaremos o desafio do autor de agirmos como investigadores e passaremos a examinar o labirinto intertextual em *A última viagem de Borges* (2005).

### **Investigando o labirinto intertextual**

*A última viagem de Borges* (2005), ficcionaliza o escritor argentino em sua busca pela palavra perdida. Borges criou a palavra das palavras, a palavra perfeita, mas perdeu-a. Inconsolável, resolve organizar uma excursão para recuperar a palavra desaparecida e convida Sherazade, personagem de *As mil e uma noites*; sir Richard Burton, escritor, tradutor e aventureiro inglês; e Funes, o Memorioso, personagem de um conto borgiano homônimo para acompanhá-lo em sua última viagem. O grupo percorre um longo caminho até a Biblioteca de Babel, onde estaria a palavra perfeita. Entretanto, antes de chegarem ao seu destino final, precisam passar pela Galeria dos Espelhos, cuja entrada está na Buenos Aires Secreta. Depois de enfrentar diversos desafios, tais como o exército de Babel, tigres e um labirinto em linha reta, Borges ainda precisa responder a uma pergunta do Bibliotecário Imperfeito, bem como elaborar uma questão que ele não consiga solucionar. Somente desta forma poderá, finalmente, penetrar na Biblioteca de Babel, achar a porta correta e recuperar a palavra perdida.

Nesta breve apresentação do enredo de *A última viagem de Borges* (2005), percebemos a presença de vários elementos da poética bor-

giana, tanto em relação aos personagens quanto aos espaços citados. Desse modo, podemos afirmar que o protagonista está mergulhado no universo ficcional borgiano, uma vez que é possível identificarmos, apenas a partir desta síntese, símbolos desta poética, bem como elementos criados pelo escritor argentino. A seguir, apontaremos como o texto de Loyola dialoga com a obra de Jorge Luis Borges.

Optamos por começar a analisar o item que inaugura *A última viagem de Borges* (2005): os personagens, já que, tal como na maioria das obras teatrais, há uma apresentação de quem e de como são os personagens que compõem a narrativa. Antes de refletirmos sobre este ponto, convém destacarmos que apesar de alguns personagens do texto de Loyola estarem baseados em referentes históricos ou serem originários do universo ficcional, ao serem literaturizados, todos são “seres de papel e tinta”, como afirma Antonio Candido (1976) em sua obra *A personagem de ficção*. Assim, por exemplo, mesmo com o nome de seu referente histórico, o protagonista do referido livro, denominado Jorge Luis Borges, é apenas a representação do famoso escritor argentino.

Baseados nesta premissa, podemos considerar que Borges, Alicia e Burton foram criados a partir de personagens históricos. É interessante ressaltar que Loyola constroi a apresentação de Borges de forma sintética, mas, ainda que disponibilize poucos dados sobre ele, as informações que o escritor nos oferece fazem com que relacionemos, imediatamente, o personagem com o seu referente histórico. Dessa maneira, somos informados de que o protagonista do relato é “Jorge Luis Borges – poeta, contista, ensaísta, tem 87 anos.” (BRANDÃO, 2005, p.15). Assim, o autor explicita que este personagem representa o famoso escritor argentino em seu último ano de vida, uma vez que um leitor informado (ou um detetive literário) saberá que Borges escreveu poesia, contos e ensaios, bem como que faleceu aos 87 anos.

Outro personagem que podemos considerar que foi construído a partir de um referente histórico é Alicia, uma “secretária, assistente, copista, a quem Borges costumava ditar seus textos, depois de criá-los mentalmente no dorso da mão com os dedos. Entre 30 e 40 anos.” (BRANDÃO, 2005, p.15). Sabemos que o escritor argentino ficou cego e que precisava de alguém que escrevesse os textos que ele ditava. Portanto, Alicia poderia representar qualquer uma das secretárias que ajudaram Borges a continuar a escrever após a sua irreversível cegueira. Entretanto, depois que lemos os textos que introduzem a narrativa, bem como o e-mail que o autor enviou a María Kodama é inevitável não relacionarmos o personagem Alicia à polêmica mulher do escritor argentino. É significativo que este personagem não acompanhe Borges em sua viagem final, uma vez que é uma excursão imaginária. A não participação do personagem na viagem garante a verossimilhança do relato, já que ela é construída a partir de um referente histórico considerado por muitos como uma pessoa racional.

Após nos determos nestes dois personagens que foram criados a partir de referentes reais, passaremos a examinar os três acompanhantes que Borges escolheu para a sua última viagem. Esta opção é vista positivamente pelo narrador, pois ele afirma que “Há alegria nessa trajetória de um homem que escolhe amigos entre autores e personagens para a sua viagem final.” (BRANDÃO, 2005, p. 17). Um dos acompanhantes de Borges é Funes, um personagem criado pelo escritor argentino no conto “Funes, o Memorioso”, publicado em *Ficciones* (1944). No relato borgiano, Funes sofre um acidente e fica paralítico, mas em compensação, passa a ter uma memória extremamente desenvolvida. Na narrativa analisada, o personagem aparece em uma cadeira de rodas e discute com Borges, o seu criador. Funes desabafa “Você colocou tanta coisa dentro de minha memória, que não cabe mais nada. Pensa que é fácil? Já imaginou o peso de um homem que só vive das memórias que carrega? E nenhuma delas é

minha! O que fez das minhas memórias, “senhor Borges”?” (BRANDÃO, 2005, p.33-34). Assim, além de dialogar com a poética borgiana, Loyola também problematiza a noção de autoria ao permitir que um personagem discuta com o seu autor, o qual, por sua vez, também é personagem de um escritor.

Embora os outros personagens que acompanham o escritor em busca da palavra perdida não sejam criações borgianas, Sherazade e Burton são mencionados frequentemente na obra do escritor argentino. Sherazade terá uma grande importância na obra de Loyola. Inicialmente, da mesma forma que Alicia, Sherazade tenta convencer Borges a não continuar a sua jornada. Mas, como não consegue dissuadi-lo, tenta protegê-lo até o último instante. Tal como em *As mil e uma noites*, o personagem, principalmente na segunda versão da narrativa, tem uma grande capacidade de contar histórias. Assim, ela narra o que aconteceu, por exemplo, na noite de número 2.066, além de fazer outros relatos. Também é interessante notar que o primeiro diálogo entre Borges e Sherazade é construído por citações de poemas do escritor e por trechos do livro *Diálogos sobre la Vida y la Muerte* (2003), de Liliana Heker. Cabe ressaltar que os fragmentos dos poemas são apresentados com a referência bibliográfica completa, da mesma maneira que ocorre com outras citações em *A última viagem de Borges* (2005).

Por último, mas não menos importante, precisamos refletir sobre o papel de Burton na narrativa. Este personagem, ainda que tenha sido construído a partir de um referente histórico, também povoou vários textos borgianos. Basta lembrarmos que Borges expressa sua grande admiração por Burton em um ensaio intitulado “Os tradutores das 1001 Noites” que faz parte de *Historia de la eternidad* (1936). Além disso, em sua autobiografia, o escritor argentino relata que leu escondido a tradução do escritor inglês de *As mil e uma noites*, visto que seus pais consideravam-na obscena. Borges ressalta que ficou



tão emocionado pela magia do livro que não percebeu as partes censuráveis.

No texto de Loyola, Burton é descrito como “aventureiro, descobridor das nascentes do Nilo, tradutor para o inglês de *As Mil e Uma Noites*, do *Kama Sutra* e de *Os Lusíadas*. Entre 40 e 50 anos.” (BRANDÃO, 2005, p.15). Borges justifica a escolha do escritor para acompanhá-lo em sua aventura declarando que “Foi ele que me fez descobrir a magia dos encantamentos, da imaginação, das princesas e dos gênios aprisionados em lâmpadas, dos tapetes voadores e dos labirintos. Da arte narrativa, do contar incessantemente.” (BRANDÃO, 2005, p.22). Desse modo, percebemos a intenção do autor de destacar a importância de Burton para a poética borgiana, além do diálogo com a autobiografia do escritor, pois acrescenta que “Eu era menino quando li os 17 volumes em inglês de *As mil e uma noites*.” (BRANDÃO, 2005, p.22). Assim, podemos dizer que o autor parafraseia um trecho da autobiografia de Jorge Luis Borges, visto que o escritor argentino aborda esta temática no texto citado quase com as mesmas palavras.

Voltando à narrativa de Loyola, o encontro entre os dois autores é marcado pelo mútuo reconhecimento. Depois de Borges apresentar o escritor inglês, é a vez de Burton descrevê-lo:

E que falta faz a ele uma palavra? Ele tem tantas, todas. O poeta de *O Fervor de Buenos Aires* e de *A Rosa profunda*. O autor de *O Aleph*. De *A Biblioteca de Babel*. Ele, o decifrador de desertos e o conjurador de espelhos! O autor que aprisionou os seres imaginários. Que falta pode fazer a ele uma simples palavra? (BRANDÃO, 2005, p.23).

Ademais de enaltecê-lo, Burton também faz referência a vários escritos de Borges, citando suas obras poéticas e de relatos breves, bem como *El libro de los seres imaginarios* (1967) que o escritor elaborou com Margarita Guerrero. Por isso, podemos afirmar que neste

trecho a intertextualidade ocorre de maneira direta com a poética borgiana, uma vez que a simples menção destas obras nos remete, inexoravelmente, a significativas produções do *corpus* literário do autor argentino.

Notamos que ao apresentar os personagens de seu relato, Loyola estabelece distinções entre os que foram construídos a partir de referentes históricos e os que saíram do universo literário. A principal diferença é o fato de que os primeiros possuem dados profissionais, além de terem uma idade definida ou aproximada. Já no caso dos personagens que são oriundos da ficção, só encontramos uma breve referência à obra de onde foram retirados. Sherazade é descrita como “personagem de *As Mil e Uma Noites*.” (BRANDÃO, 2005, p. 15) e Funes é definido como “personagem de Borges no conto Funes, o Memorioso”. (BRANDÃO, 2005, p.15). Além dos personagens que já analisamos, é importante lembrar que também são apresentados mais dois “seres de papel e tinta” do universo ficcional borgiano: o Bibliotecário Imperfeito “guardião da Biblioteca de Babel (citado dentro do conto “A Biblioteca de Babel”. Para Borges, o homem é o imperfeito bibliotecário).” (BRANDÃO, 2005, p.15) e o Cartógrafo Perfeito, o qual “comanda uma equipe destinada a produzir o mapa perfeito do mundo. A partir de uma citação dentro de um dos textos de Borges.” (BRANDÃO, 2005, p.15). A inclusão destes dois personagens borgianos, uma vez mais, faz com que o leitor sinta-se desafiado a penetrar na obra do escritor argentino, já que, para ter uma compreensão mais aprofundada da narrativa pode ter vontade de ler, por exemplo, “A Biblioteca de Babel” ou procurar verificar a existência do Cartógrafo Perfeito dentro do universo ficcional do autor argentino.

Além da relação intertextual com os personagens que acompanham Borges em sua última viagem, também precisamos refletir sobre como a representação do espaço no texto de Loyola dialoga

com a poética borgiana. Notamos que este diálogo ocorre desde a descrição do cenário da peça, visto que “No teatro, a partir do hall de entrada, nas bilheterias, paredes da sala, no palco, pelo chão, banners, bandeirolas, cartazes contém os nomes de alguns autores lidos e comentados por Borges.” (BRANDÃO, 2005, p.17). A seguir há uma lista de escritores que ocupa uma página e meia. Entre eles, muitos autores aparecem citados em ensaios ou entrevistas de Jorge Luis Borges, bem como em suas obras ficcionais.

O contato do leitor com as criações de Borges também se dá no final da narrativa, uma vez que “Na saída, o público encontra placas indicativas: Biblioteca de Babel, Jardim das Veredas que se Bifurcam [...]” (BRANDÃO, 2005, p.78). Sabemos que estas duas indicações referem-se a dois contos homônimos de Borges. Além destas referências, as tabuletas são formadas por nomes de lugares que foram marcantes na vida do escritor argentino, muitos dos quais aparecem em suas obras ficcionais ou ensaísticas. Também precisamos destacar mais um exemplo do uso de elementos intertextuais na construção do espaço no relato de Loyola, na última página da obra: “O hall do teatro está mergulhado em suave penumbra. Só se vê o brilho de um foco no alto. É o Aleph.” (BRANDÃO, 2005, p.78). Eis mais uma referência à produção ficcional borgiana: o famoso conto “*El Aleph*”. Através desta representação do espaço, tem-se a impressão de que a poética de Borges se materializa, já que é possível visualizarmos vários elementos deste universo ficcional.

A relação entre a construção do espaço na narrativa de Loyola e o diálogo com a poética borgiana não está presente somente na descrição do cenário. Esta conexão também acontece na narração do percurso que os viajantes fazem para chegar à Biblioteca de Babel que é o título homônimo de um dos mais famosos contos do escritor argentino. Como já dissemos, Borges mergulha no seu imaginário, percorrendo lugares que também nomeiam algumas de suas obras,

como o referido conto, e o seu destino final, o Aleph, título de um de seus renomados relatos breves. Além disso, ao fazer o protagonista deparar-se com a Galeria dos Espelhos, a Buenos Aires Secreta e labirintos, o autor de *A última viagem de Borges* (2005) traz a tona símbolos da poética do autor argentino. Os leitores de Borges sabem que em suas obras ficcionais há diversas referências a Buenos Aires, espelhos e labirintos, entre outros elementos simbólicos borgianos.

Notamos que na narrativa de Loyola a intertextualidade, além de estar presente na caracterização dos personagens e nos espaços, também ocorre através da citação de fragmentos de escritos borgianos ou de textos críticos sobre Borges e que estes, na maioria das vezes, são identificados com a referência completa e entre aspas. Sabemos que uma citação, em geral, é usada em um texto científico para dar autenticidade e/ou autoridade. Também pode resumir idéias-chaves ou servir de comentário ou interpretação da obra analisada. Ao transferir um elemento característico de outro gênero textual para sua obra narrativa, percebemos que a intenção do autor é acentuar a voz de autoridade e/ou autenticidade do seu texto, além, de deixar várias portas entreabertas para o leitor aproximar-se não só do universo ficcional de Borges, mas também de sua fortuna crítica. Ademais, é interessante destacar que Loyola, ao fazer a citação completa dos textos com os quais dialoga e incluí-los em uma “Bibliografia”, aparentemente, adota o contrato do crítico e não o do ficcionista. Entretanto, julgamos que o seu texto não é uma obra crítica, mas sim literária e, como tal, o escritor tem o direito de usar os escritos de Borges ou os de seus críticos da maneira que for conveniente para a sua narrativa. Ressaltamos que em outros momentos de *A última viagem de Borges* (2005), há citações ou paráfrases de textos do escritor argentino que não foram postos entre aspas e nem seguidos de suas referências bibliográficas. Desse modo, o escritor confecciona um ambíguo mosaico intertextual, mesclando o dialogismo crítico e o de escritores. Pensamos que isto não é gratuito, visto que é mais

uma maneira de provocar o interesse dos leitores pela obra de Jorge Luis Borges, bem como por textos que analisam a produção borgiana.

### **O fim da viagem**

Além de todos os diálogos que apontamos entre o texto de Loyola e a poética borgiana, resta-nos fazer mais um exercício de aproximação, desta vez entre episódios da vida dos dois autores. Sabemos que Borges escreveu o seu primeiro conto após sofrer um acidente em que perdeu parte de sua visão. Assim, o escritor argentino, com medo de não saber mais escrever poemas ou ensaios, decide enveredar por um gênero novo e produz “Pierre Menard, autor do Quixote”. De certa forma, o mesmo processo ocorreu com Ignácio Loyola Brandão. Na dedicatória, o autor oferece o seu livro ao seu neto, declarando que ele “nasceu no momento em que eu procurava mais um caminho na carreira.” (BRANDÃO, p.7, 2005). Percebemos que o escritor faz referência a sua incursão ao universo teatral, até então inexplorado por ele. Tal como Borges, Loyola buscou um novo gênero depois que passou pela retirada de um aneurisma cerebral.

Também é importante assinalarmos que na dedicatória, Loyola ainda oferece sua obra a Maria Bonomi e Sérgio Ferrara, revelando que a ideia da peça nasceu dos dois. Por fim, dedica a narrativa a Jorge Schwartz que “me orientou por dentro de três mil páginas de JLB e me guiou pelos labirintos de vasto material complementar.” (BRANDÃO, p. 7, 2005). O escritor também esclarece que teve somente um ano para estruturar o seu texto que foi elaborado em dez versões diferentes. Ademais de descrever o seu processo de produção da obra, fazendo um metatexto, percebemos a nítida intenção do autor de ressaltar o caráter de obra aberta de sua narrativa. Esta característica é reforçada pela presença de duas versões da peça no seu livro. A primeira versão foi editada por Sérgio Ferrara e Fausto Arapi e apresentada em Curitiba e São Paulo em 2005. A segunda

versão possui algumas diferenças da primeira e foi feita de acordo com o autor "Para uma encenação mais lenta, de atmosferas, trabalhada em cima das palavras, símbolos, luzes, sem medo de duração, o tempo escorregando vagaroso. Sem medo de um ritmo monótono. Algo como se fosse narrado por um contador de histórias." (BRANDÃO, p.83, 2005).

As marcas de obra aberta, além das duas versões a que já nos referimos também podem ser identificadas pela presença de quatro finais para a narrativa na segunda possibilidade de encenação. Por se tratar de uma peça de teatro podemos supor que o diretor que decida realizar a representação da obra poderá optar por uma das propostas de representação, bem como por um dos finais sugeridos, já que se trata de um texto em constante construção. Entretanto, se considerarmos que a peça de teatro foi publicada em forma de livro, não é possível esquecer de que os leitores desta obra também precisam construir a sua leitura do relato. Assim, o leitor, além de mergulhar no universo ficcional borgiano também deverá escolher um caminho para percorrer o labirinto narrativo de Loyola, até elegendo o final que mais lhe agrade.

Entre as opções de como fazer a sua caminhada em *A última viagem de Borges* (2005) certamente destaca-se a relação que o leitor estabelecerá com os elementos intertextuais da narrativa. Depois de nossa rápida investigação sobre o tema, percebemos e apontamos o intenso uso da intertextualidade, em diferentes graus e formas, no texto de Loyola. Em nossa incursão ao labirinto intertextual da narrativa examinada, notamos que o diálogo entre o relato e a poética borgiana foi um fator predominante para a elaboração do mencionado texto. Precisamos ressaltar que ainda que o autor utilize personagens do universo literário, textos borgianos e críticos para a construção da sua obra, este diálogo é feito de forma extremamente criativa. Como vimos, muitas vezes, o escritor faz acréscimos ou subverte algumas

informações que já estavam cristalizadas, tanto no âmbito real quanto no literário. Basta lembrarmos que embora os leitores possam conhecer Sherazade e Funes do universo ficcional, na narrativa de Loyola estes personagens apresentam outras características que transcendem os seus textos originais. A primeira não restringe sua história com o sultão apenas às famosas mil e uma noites, mas declara que os relatos continuam a ser feitos e descreve o que aconteceu na noite de 2066 em que preparou uma armadilha para o seu algoz com espelhos. Por sua vez, Funes já não é somente um personagem borgiano que está em uma cadeira de rodas e que possui uma memória excepcional. Ele ganha vida própria e até revolta-se com o seu autor, Borges. Porém, apesar da sua indignação, protege-o dos cruéis desígnios dos membros da Biblioteca de Babel, mostrando-se ativo e crítico.

Em vista do exposto, acreditamos que o labirinto intertextual da narrativa de Loyola foi construído para manter o interesse do leitor no relato, além de ser uma estratégia para homenagear o escritor argentino e incitar o leitor a (re) descobrir a poética borgiana. Dessa forma, o leitor decide o rumo que deseja dar para sua leitura. Pode simplesmente escolher ler a obra de forma passiva e superficial, aceitando os intertextos como simples palavras da narrativa. Se optar por desvendar os elementos intertextuais do relato, poderá realizar uma leitura mais densa de *A última viagem de Borges* (2005), penetrando no universo ficcional borgiano, uma vez que as citações e as referências bibliográficas ajudam-no a ir além do nível inicial de leitura. No caso de já ser um leitor de Borges, a leitura desta obra pode provocar uma atitude de detetive, já que é instigante conferir, por exemplo, se as citações estão corretas ou identificar sua procedência.

Pensamos que qualquer percurso que for escolhido atingirá o objetivo inicial de Loyola que é o de evocar Borges. Em seu e-mail a Kodama, o autor afirma que o seu texto é uma forma de eternizar o escritor argentino, visto que "*Borges en Brasil, renacido en cada repre-*

*sentación rescatada como Autor, renacido para la juventud brasileña, para el público brasileño, para aquellos que no lo conocen. Borges permanente. Fábula, metáfora, elegía, libertad de creación, evocación.*" (BRANDÃO, 2005, p.164). Estas palavras do escritor demonstram que a viagem de Borges pode ser reiniciada sempre que um leitor percorrer as páginas da narrativa de Loyola. Assim, através da leitura deste relato, o escritor argentino pode ser resgatado do esquecimento e permanecer atual para os brasileiros, sobretudo, porque Jorge Luis Borges tornou-se sinônimo de literatura e uma das evidências é o fato ter sido convertido em personagem em várias produções contemporâneas.

### **Referências Bibliográficas**

BORGES, J. L. *Obras completas*. São Paulo: Ed. Globo, 1998.

BRANDÃO, I. L. *A última viagem de Borges: duas possibilidades de encenação*. São Paulo: Global, 2005.

CANDIDO, A. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SCHWARTZ, J. (Org.) *Borges no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial, 2001.